

**GRUPO DE PESQUISA EM ESCOLA, ESPORTE E CULTURA
(GPEEsC): UMA RESISTÊNCIA NAS SUBÁREAS SOCIOCULTURAL E
PEDAGÓGICA À HEGEMONIA DA BIODINÂMICA NO CAMPO DA
EDUCAÇÃO FÍSICA (EF)**

**RESEARCH GROUP ON SCHOOL, SPORT AND CULTURE (GPEEsC):
RESISTANCE IN THE SOCIOCULTURAL AND PEDAGOGICAL SUBAREAS
IN THE HEGEMONY OF BIODYNAMICS IN THE FIELD OF PHYSICAL
EDUCATION (PE)**

**GRUPO DE INVESTIGACIÓN EN ESCUELA, DEPORTE Y CULTURA
(GPEEsC): RESISTENCIA EN LAS SUBÁREAS SOCIOCULTURALES Y
PEDAGÓGICAS A LA HEGEMONÍA DE LA BIODINÁMICA EN EL ÁMBITO
DE LA EDUCACIÓN FÍSICA (EF)**

Marcos Miranda Correia¹
Edson Farret da Costa Júnior²
Cyro Siqueira de Oliveira Rosa³
Gabriela Conceição de Souza⁴
Sílvia de Cassio Costa Telles⁵

Resumo: O percurso histórico da pesquisa em EF está ancorado por tensões e disputas entre as subáreas Biodinâmica e Sociocultural e Pedagógica por espaço no campo científico. Esse processo influenciou, e influencia, a formação dos grupos de pesquisa, seus líderes e pesquisadores, uma vez que o campo acadêmico da EF está sujeito às normatizações da CAPES e do CNPQ. O objetivo é descrever o GPEEsC como um grupo resistente e combatente neste cenário de tensões e pressões no campo da EF, buscando posicionamentos críticos, colaborativos e construtivos para o desenvolvimento das subáreas Sociocultural e Pedagógica da área de EF como um todo. A pesquisa é de caráter bibliográfico e descritivo, apoiado na teoria de Pierre Bourdieu.

Palavras-chave: Grupo de Pesquisa; Subáreas Sociocultural e pedagógica.

Abstract: The historical path of research in PE is anchored by tensions and disputes between the Biodynamic and Sociocultural and Pedagogical subareas for space in the scientific field. This process influenced, and still influences, the formation of research

¹ Me. Educação, Me. em Ciências da Atividade Física, estudante de doutorado no PPCE-UERJ e membro do GPEEsC. <https://orcid.org/0009-0008-4005-8553> mmarcosuff@bol.com.br

² Me. em Ciências da Atividade Física, estudante de doutorado no PPCE-UERJ, docente do IFRJ e membro do GPEEsC. <https://orcid.org/0000-0001-8702-7895> edson.junior@ifrj.edu.br

³ MBA de Gestão Estratégica de Negócios, docente de EF e membro do GPEEsC.

⁴ Pós-Doutora em educação física pela UFRJ, Dr^a em Ciências do Exercício e do Esporte-UERJ, docente do IFRJ e membro do GPEEsC. <https://orcid.org/0000-0001-6493-1208> gabriela.souza@ifrj.edu.br

⁵ Pós-Doutor pela Universidade de Évora, Dr. e Me. em EF e Cultura, docente do PPG da UERJ e UFRJ e líder do GPEEsC. <https://orcid.org/0000-0003-2652-6118> silviotelles@ufrj.br

groups, their leaders and researchers, when the academic field of PE is subject to CAPES and CNPQ regulations. The objective is to describe GPEEsC as a resistant and combative group in that scenario of tensions and pressures in the field of PE, seeking critical, collaborative and constructive positions for the development of the Sociocultural and Pedagogical subareas of the PE area as a whole. The research is bibliographic and descriptive in nature, supported by Pierre Bourdieu's theory.

Keywords: Research Group; Sociocultural and Pedagogical Subareas.

Resumem: El camino histórico de la investigación en EF está anclado por tensiones y disputas entre las subáreas Biodinámica y Sociocultural y Pedagógica por el espacio en el campo científico. Este proceso influyó, y aún influye, en la formación de los grupos de investigación, de sus líderes e investigadores, ya que el campo académico de la PE está sujeto a las normas de la CAPES y del CNPQ. El objetivo es describir a GPEEsC como un grupo resistente y combativo en este escenario de tensiones y presiones en el ámbito de la EP, que busca posiciones críticas, colaborativas y constructivas para el desarrollo de las subáreas Socioculturales y Pedagógicas del área de EP en su conjunto. La investigación es de carácter bibliográfico y descriptivo, sustentada en la teoría de Pierre Bourdieu.

Palabras clave: Grupo de Investigación; Subáreas Socioculturales y Pedagógicas.

INTRODUÇÃO

O histórico da pesquisa em EF aponta para diversas tensões entre as subáreas biodinâmica, sociocultural e pedagógica que concentram suas disputas pelos espaços dentro do campo científico que, há décadas, vêm desafiando a coexistência da tríade e da própria área (Hallal; Melo, 2017; Telles, Lüdorf, Pereira, 2017; Telles *Et Al*, 2023). Essa relação autofágica produz distorções e reduz a pluralidade necessária ao campo e ao avanço do conhecimento geral.

Esse processo influencia a trajetória de formação dos grupos de pesquisa (GP), seus líderes e pesquisadores. O campo acadêmico da EF está caracterizado pelas disputas dentro das normatizações da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) e do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq); logo, os GP e seus líderes, mediados sob as regras do campo, entram em disputas específicas, em seus subcampos ou subáreas, para criação e manutenção dos GP (Frasson; Wittizorecki, 2021).

Considerando as necessidades das Áreas do campo científico como um todo, ressaltamos a importância da pluralidade teórico-epistemológica da EF, não tão valorizada como deveria, mas primordial para o repensar de nossas práxis acadêmicas e pedagógicas.

Objetivamos descrever o GPEEsC como um grupo resistente e combatente aos tensionamentos que oprimem as subáreas sociocultural e pedagógica e que tem se posicionado de forma crítica, colaborativa e construtiva dentro do espaço comum aos GP e a Área 21. Discutiremos a construção do campo dos GP no Brasil, associado ao histórico de formação e evolução do GPEEsC, situando-o nesta tensão histórica do campo da EF e apoiado na teoria do campo (Bourdieu, 2014).

Apresentando um breve histórico do GPEEsC, pretendemos demarcar nossa resistência e luta na ocupação da parte que cabe às subáreas sociocultural e pedagógica no latifúndio do campo científico. Neste dossiê, esperamos dar um passo a mais para a integração, cooperação e colaboração entre os GP fluminenses existentes e incentivar a criação de novos GP para fortalecer as subáreas sociocultural e pedagógica.

O CAMPO DA EF EM DISPUTA: AS TENSÕES E ENTRE AS SUBÁREAS SOCIOCULTURAL E PEDAGÓGICA

O primeiro curso de pós-graduação *stricto sensu* em EF no Brasil foi o mestrado acadêmico criado em 1977 na Escola de Educação Física e Esportes da Universidade de São Paulo (EEFE-USP). No mesmo local, surge o primeiro curso de doutorado em 1989 (Lüdorf, 2002; Manoel e Carvalho, 2011). Desde então o campo da pós-graduação vem travando disputa por espaço, legitimando mais ou menos determinado tipo de conhecimento. Na compreensão de Bourdieu (2004), o tensionamento no campo científico da EF faz parte da lógica própria da teoria do campo que pressupõe existirem influências externas e internas nas disputas entre os cientistas por posições que acumulam elevado capital político e científico.

O campo das ciências naturais na EF sempre apresentaram maior produção do que das ciências sociais e humanas. A formação em EF era determinada por médicos e militares, os quais reproduziam os aspectos técnicos-esportivos e biológicos de suas formações originais. A pesquisa encaminhou-se nessa tendência da perspectiva médica, militarista, higienista e interventiva (Lüdorf, 2002; Manoel e Carvalho, 2011).

Nos anos 1970 e 1980, alguns professores concluíram mestrado e doutorado fora do país. A tendência mundial da EF voltava-se à performance, aos efeitos fisiológicos do exercício, à cinesiologia e outros. À época, as produções científicas voltaram-se para a área biológica, com mais da metade do total, até o início dos anos 2000 (Lüdorf, 2002).

Em meados dos anos de 1990, Manoel e Carvalho (2011, p. 392) protagonizaram nas revistas *Motus Corporis* e *Movimento* um debate sobre "O que é EF?", quando recém doutores regressaram ao Brasil com propostas alternativas à performance esportiva. Propunham uma EF multidisciplinar sob forte influência da Sociologia, Filosofia e Antropologia (Lüdorf, 2002; Manoel e Carvalho, 2011).

Manoel e Carvalho (2011) caracterizaram academicamente a EF brasileira e identificaram três subáreas de atuação: **a biodinâmica**, com uma proposta biológica, voltada para a fisiologia, cinesiologia, biomecânica e outras; **a sociocultural**, influenciada pela sociologia, filosofia, história, antropologia e outras; e a **pedagógica** preocupada com o currículo, a formação e a práxis. Eles constataram maior quantidade de linhas e projetos de pesquisa da área biodinâmica e apontaram um possível desdobramento que se refere à preocupação com a formação de estudantes sujeitos a aprenderem mais sobre como funcionam as células do que montar um currículo ou planejar uma aula.

Ao fim dos 1990, instituições com programas de pós-graduação (PPG) *Stricto Sensu* foram orientadas pela CAPES sobre as novas políticas de produção acadêmica. Os pesquisadores seriam classificados em função de suas produções e o próprio PPG seria avaliado por uma nota entre 1 a 7. Tal orientação influenciou o campo da EF e o desenvolvimento das pesquisas na área sociocultural e pedagógica, pois, ao situar a EF

na Área 21, com a fonoaudiologia, fisioterapia, terapia ocupacional, reforçou as características das ciências naturais e biológicas.

Em 1998, o sistema Qualis da CAPES passou por uma importante reformulação, com a adoção de uma estratificação mais detalhada dos periódicos, utilizando indicadores quantitativos, como o fator de impacto. Essa mudança teve como objetivo melhorar a avaliação da produção científica dos programas de pós-graduação, tornando-a mais justa e precisa. (Barata, 2016). A última grande mudança realizada pela CAPES será a eliminação do qualis periódicos permitindo, por exemplo, que dois artigos, em uma mesma revista, possam ser avaliados de forma diferente. Em geral, o objetivo é valorizar mais o texto ou seja, a produção científica do autor e não da revista em que foi publicado.

Ainda não podemos avaliar os resultados dessa mudança, mas as críticas já começam a surgir. Ela pode acabar privilegiando os pesquisadores da biodinâmica que usam os mesmos dados em diversas pesquisas, enquanto os da sociocultural e pedagógica precisam realizar estudos com análises mais aprofundadas e com contextualização histórica, filosófica, pedagógica que não podem ser tão fragmentados.

Bourdieu (2004), caracterizaria a CAPES como “estrutura estruturante”, determinando o que é permitido ou não no “jogo científico” do campo da EF. Os agentes dominantes (pesquisadores mais bem posicionados na estrutura e conservadores do campo) conquistam suas posições através do seu capital social e político e acabam acumulando mais capital científico. Na EF, significa mais cargos de gestão das entidades científicas ocupados por agentes da biodinâmica.

Na situação atual dos PPG em EF, apesar da CAPES reconhecer 37 cursos de pós-graduação (somados mestrado e doutorado), Telles *et al* (2023) demonstram uma dominação da área biodinâmica sobre as áreas sociocultural e pedagógica. São 206 professores da área sociocultural e pedagógica contra 598 da biodinâmica, distribuídos nos programas.

Diante desse quadro, Triani e Telles (2017) enxergam desafios para as pós-graduações em EF. A carência de docentes das áreas sociocultural e pedagógica nos cursos de mestrado e doutorado implica diretamente na falta de oportunidade de formação continuada de mestres e doutores e propicia uma migração de docentes da EF para outras áreas que valorizam tais temáticas.

A revisão dos critérios de avaliação e acompanhamento dos periódicos é uma demanda antiga da área, já que ela acaba por determinar as diretrizes de escolha por parte dos pesquisadores de revistas mais bem conceituadas. A mudança prevista pela CAPES pode atender, em parte, a esta demanda, porém pode causar um esvaziamento das produções em revistas da área específica da EF (Telles, *et al*, 2023).

Devemos ir além dos critérios estabelecidos para periódicos e contemplar a diversidade da produção intelectual, pois os PPG, GP e pesquisadores também escrevem livros e capítulos de livro, proferem palestras, participam de eventos, apresentam trabalhos em congressos e outras atividades pouco consideradas na avaliação do Qualis (Ludorf; Castro, 2017; Castro, 2017). Principalmente, temas como corpo, gênero, cultura e formação profissional, ainda desvalorizados no campo da EF.

Destacamos o crescimento dos mestrados profissionais (PROEF), surgidos em 2016. Já são 26 cursos no país e demonstram as preocupações com a formação continuada de professores na educação básica. São programas *stricto sensu*, conectados à subáreas sociocultural e pedagógica, sendo a última a mais abordada nas pesquisas dos PROEF. (Telles, Serpa e Lutz, 2025).

BREVE HISTÓRICO DOS GRUPOS DE PESQUISA NO BRASIL

O CNPq define um GP como um conjunto de indivíduos organizados hierarquicamente com uma ou duas lideranças; ou por um único pesquisador; ou por um pesquisador e seus estudantes. Pesquisador é o líder do grupo e coordena, planeja e aglutina esforços para o desenvolvimento das pesquisa e perspectivas de atuação do grupo (Frasson *et al*, 2021). Em 2002, passou a ser obrigatório o cadastramento de GP e dos currículos dos pesquisadores na plataforma Lattes e no DGPB (Diretório dos Grupos de Pesquisa do Brasil) do CNPq, facilitando a identificação dos GP nas universidades.

A consolidação dos GP no Brasil ocorreu na década de 1990. Na EF, oficialmente, há registros já nos anos 1980 (Mello; Oliveira; Silva, 2022); o primeiro surgiu na UFRGS/RS, em 1986 (Duca *et al*, 2011). Duca *et al* (2011) observaram a evolução acentuada destes GP já no ano 2000; dos 86 grupos contabilizados, 75,6% estavam inseridos em PPG *stricto sensu*. De 1993 até 2021 (28 anos), Mello, Oliveira e Silva (2022) registram um crescimento de 1858.8% no número de GP: 1993, n=34; 2021, n=666, na área da EF. Crescimento semelhante é encontrado por Frasson *et al* (2021), pesquisando os GP de EF escolar, na Região Sul.

Esta introdução estabelece alguns parâmetros para a atender à proposta de conagraçamento deste dossiê sobre os GP do estado do Rio de Janeiro, mas tenta não perder a visão da totalidade do campo acadêmico da EF e das dimensões de um país continental.

Mello, Oliveira e Silva (2022), Duca *et al* (2011) e Frasson *et al* (2021) contribuem para tal propósito. Os dois primeiros mapeiam os GP em EF de 1993 a 2021, nas subáreas do esporte, saúde e escola; os terceiros traçam características dos grupos de EF escolar da Região Sul que gerou o primeiro GP de EF do Brasil e, junto o Sudeste, concentra o maior número de PPG do Brasil. Duca *et al* (2011) relembram as conquistas da EF e dos GP no campo científico.

Assim, ilustramos o contexto onde as tensões e disputas epistemológicas, corporativas e acadêmicas existentes na formação e expansão dos PPG e GP materializam-se nas especificidades do campo da EF. Pelo exposto, acreditamos que as tensões e disputas entre as subáreas sociocultural e pedagógica e a biodinâmica demarcarão as futuras construções que se pretendam formar no estado do Rio de Janeiro.

A distribuição regional

O aumento do número de GP cadastrados, entre 1993 e 2021, não significou uma alteração relevante no quadro da distribuição regional (Mello, Oliveira e Silva, 2022). Duca *et al* (2011) relatam que, com a formação dos primeiros GP, na década de 1980, formou-se uma “elite intelectual responsável pela EF Brasileira” (p. 608), situada no Rio de Janeiro, São Paulo e Rio Grande do Sul. Elitização percebida na produção de teses e dissertações das subáreas sociocultural e pedagógica, entre 2017 e 2021, contabilizados por (Telles *et al*, 2023): SP (934); PR = (462); MG (328); SC (289); RJ

(278); ES (103). São Paulo produz mais que o dobro do segundo colocado (PR); um poder acadêmico vantajoso nas políticas de avaliação e fomento.

Apesar da ampliação e evolução no quantitativo de programas e GP, as discrepâncias entre as macrorregiões do Brasil continuam marcando a concentração dos mesmos nas regiões Sul e Sudeste. Em 2000: 86,7% dos GP estavam nas Regiões Sul e Sudeste do país (DUCA et al, 2011); em 2021: 37,5% no Sudeste, 27,2% no Sul, 21,2% no Nordeste, 8,3 no Centro-Oeste e 5,8 no Norte. Resumindo, 64,7% dos GP nas regiões Sul e Sudeste (Mello, Oliveira e Silva, 2022).

Embora identifiquemos investimentos feitos pelos órgãos de fomento, entre 1993 e 2021, as disparidades entre as regiões Sul e Sudeste são evidentes. Duca *et al* (2011) observam, nestas disparidades regionais nos números de grupos, uma relação com a quantidade e distribuição dos PPG. No total de 22 instituições com pós-graduação em EF, apenas um programa estava no Nordeste, dois no Centro-Oeste e o primeiro programa do Norte seria aprovado em 2018 (Mello, Oliveira e Silva, 2022). Telles, Serpa e Reis (2023), informando a existência de 37 programas em funcionamento, confirmam essa informação, complementando que esse programa do Norte possui duas linhas de pesquisa: uma da Biodinâmica e outra das Sociocultural e Pedagógica.

As desigualdades regionais refletem-se nos investimentos do CNPq destinados à Área da Saúde para projetos de pesquisa em EF. A maior parte destes projetos e o maior número de bolsistas beneficiados estão concentrados nas regiões Sul e Sudeste (Mello, Oliveira e Silva, 2022; Telles, Serpa e Reis, 2023). Essa distribuição desigual de fomentos afeta o número de GP, a produção científica e a formação de pesquisadores em todas as regiões do Brasil e reproduz a questão fundamental: o Sul e o Sudeste produzem mais porque recebem mais fomento ou recebem mais fomento porque produzem mais?

Essa doxa imposta pelo campo dificulta enormemente mudanças. Telles, Serpa e Reis (2023) mostram outra informação que radicalmente aumenta o abismo entre as subáreas. Das 96 bolsas produtividade (Pq) vigentes no período pesquisado, 93 foram para a biodinâmica e apenas três para as subáreas sociocultural e pedagógica. O dado aponta que os critérios não estão adequados aos pesquisadores e GP que não militam na biodinâmica.

Não podemos desconsiderar esse quadro da desigualdade regional no histórico dos GP e olhar para o Brasil e sua história de desigualdades. Olhamos para essa ilustração específica do nosso campo como um reflexo das universidades brasileiras e seu distanciamento, muitas vezes, dos verdadeiros problemas nacionais.

Iniciativas públicas e privadas

As evidências são claras para afirmar que, não fosse o apoio governamental, a história que contamos sobre a criação e expansão dos GP seria outra bastante desfavorável. A consolidação dos GP, nos anos 1990, aconteceu, principalmente, sob apoio do CNPq (Duca *et al*, 2011). Mello, Oliveira e Silva (2022) afirmam a fundamental contribuição das universidades públicas para a consolidação da área da EF e a concentração do maior número dos GP do país.

As instituições públicas concentram a maioria dos GP e seus respectivos líderes. Tomando a região Sul como referência, temos: 77,9% (28) do número de GP está nas

instituições públicas; 8,2% (3) nas universidades comunitárias (sem fins lucrativos); 13,9% (5) nas privadas. “Apenas 33,33% dos líderes têm a possibilidade de dedicar 20 horas semanais aos estudos, pesquisas e demais demandas docentes” (FRASSON *et al*, 2021, p. 3); ou seja, aqueles estabelecidos em instituições públicas com dedicação exclusiva que as demais, em geral privadas, não oferecem.

Frasson *et al* (2021) entendem que a criação e implementação do Plano de Reestruturação e Expansão das Universidades Federais (REUNI), em 2008, pode ter influenciado no expressivo aumento do número de pesquisadores nas universidades e proporcionado melhores condições para fazer pesquisa no Brasil.

Por essas e outras razões, reafirmamos a importância do Estado e das Políticas de Governo na manutenção e valorização das instituições públicas, seja na pós-graduação, na graduação ou na educação básica. As crises da Educação não podem continuar sendo um projeto das elites para o Brasil e, nem tampouco entregar as soluções aos “filantropistas” ou “pilantristas”, travestidos em ONGs, Institutos e Fundações oportunistas de plantão (Novaes *et al*, 2022, p. 3).

Perfil dos líderes e grupos

Nos artigos usados como referência, há evidências suficientes para afirmar o crescimento dos GP e suas participações na criação, expansão e sobrevivência dos PPG *stricto sensu*. As contribuições intelectuais dos GP ajudaram na consolidação da EF, enquanto Área do conhecimento científico. Duca *et al* (2011), Frasson e Wittizorecki (2021) e Mello, Oliveira e Silva (2022) corroboram essa afirmação, mas é Frasson *et al* que, ao mapear a região Sul, fornece dados significativos para nosso trabalho e outras pesquisas, interessadas em mapear os GP de outros estados ou regiões do Brasil.

Duca *et al* (2011), entre 2002 a 2008, contabilizam um crescimento percentual substancial dos números de pesquisadores, estudantes, da relação pesquisadores por GP e de estudantes por grupo. Mello, Oliveira e Silva (2022) reafirmam este crescimento, mas com uma redução pontual no número de GP, de 704 para 606, entre os censos de 2016 e o atual (2021). Possivelmente, uma consequência do golpe jurídico parlamentar que acabou elegendo um governo anti-educação, anticiência e destoante do processo observado ao longo de 28 anos identificado pelos autores.

Considerando, apenas líderes de GP em EF escolar, cadastrados em PPG *stricto sensu*, Frasson *et al* (2021) observou que, na região Sul, 72,22% (14) pertencem à Grande Área Ciências da Saúde; 27,78% (5) à Grande Área Ciências Humanas; 55,55% dos líderes são homens. Desses, 78,4% são doutores e doutoras, 21,6% mestres e mestradas; 52,7% estão credenciados em algum PPG *stricto sensu*; e 47,3% não estão vinculados formalmente a algum desses programas.

Também observaram que 47,3% dos líderes, mesmo não vinculados a algum PPG, estão produzindo algum tipo de ciência além dos programas credenciados pela CAPES e CNPq. Assim, podem estar ultrapassando as barreiras do campo formal, normatizado e regulamentado, estabelecendo novas formas e locais de produzir conhecimento ou criando alternativas para resistir e subverter os fetiches oferecidos pelo periodismo e o academicismo vigente. Apesar dessa perspectiva, Frasson *et al* (2021, p. 6) nos lembram que “em alguns casos, não se trata apenas de não querer estar credenciado nos PPG”, mas de obstáculos e dificuldades ao acesso dos líderes aos PPG.

A conclusão de Frasson e Wittizorecki (2021), sobre o *modus operandi* e os interesses do líder, resume bem a contextualização da história do GP/EEC. Para eles, líderes de GP não têm como fugir das disputas ou das lutas para conquistar espaço nos periódicos e, conseqüentemente, lhes proporcionar o capital social e acadêmico necessário para eles e seus GP. Entendem este jogo e suas regras como um desafio para os líderes de GP, porque a eles cabe a responsabilidade de organizarem-se e agirem para não sucumbir ao academicismo produtivista e estabelecer formas alternativas de resistir e subverter a ordem de forma positiva e construtiva. Nesse contexto, as disputas dentro do campo apontadas por Bourdieu são bastante evidentes.

Obtenção de fomentos

Duca *et al* (2011) deixam bem claro que “os grupos de pesquisa vinculados aos PPG em EF possuem ampla visibilidade e produtividade” (p. 608). Destacam a importância do conhecimento científico atrelado à valorização econômica da pesquisa como forma de reconhecimento aos GP, programas e produções bibliográficas (artigos e livros) para a obtenção de fomentos e apoios financeiros.

Essa política de apoio financeiro à época permitiu a estabilização de alguns GP ligados aos PPG *stricto sensu* e um aumento de GP na totalidade dos cursos de EF, mesmo não tendo mestrados ou doutorados. Uma política exitosa que expandiu e consolidou diversos GP e PPG, mas criando um outro conjunto de tensões e disputas, dentro e fora do campo da EF, que ameaçam sua própria sobrevivência (Hallal; Melo, 2017; Telles, Serpa e Reis, 2023).

Apesar das políticas de fomento favorecerem o desenvolvimento do campo científico da EF como um todo, as mesmas contribuíram para a promoção das atuais tensões e disputas internas em nosso campo. Disputas influenciadas, agravadas ou determinadas pelos seguidos cortes e contingenciamentos aplicados à Educação e Ciência pelos últimos governos federais e estaduais.

Frasson *et al*, 2021 traçam uma pequena, mas ilustrativa imagem da situação dos GP em EF escolar da região Sul. Do total de GP beneficiados por algum tipo de financiamento, “apenas 17% (24 dos 141) foram contemplados em alguma modalidade de fomento à pesquisa” (p. 5). No subcampo da EF escolar, a constrição quanto ao número de projetos cadastrados e financiados é ainda maior: dos 141 projetos, 17 (12%) deles estão relacionados à EF escolar e desses, somente 04 (16,6%) receberam algum tipo de fomento à pesquisa.

Ainda na região Sul, os mesmos informam: 28% dos projetos foram financiados pelas fundações de amparo à pesquisa (FAP); 25% contemplados por financiamento interno nas universidades comunitárias ou privadas; 19% obtidos em editais da CAPES e 16% através do Ministério do Esporte; 8% foram contemplados pelo CNPq; e 4% dos projetos, financiados pelo Ministério de Desenvolvimento Social e Combate à Fome.

Isso demonstra diferenças internas no nosso campo e reflete a realidade que Telles, Serpa e Reis (2023) exibiram através dos mecanismos de avaliação dos periódicos. Isto é, as dificuldades das subáreas sociocultural e pedagógica para sobreviver na Área 21 estão, majoritariamente e diretamente relacionadas à dominação da biodinâmica nas instituições decisórias campo científico.

Se os estudos citados nos deixam clara a correlação entre o crescimento dos PPG e GP, bem como as avaliações dos PPG são majoritariamente determinadas pela produtividade de artigos e livros classificados pelo sistema Qualis, podemos supor que a lógica do “publicar ou perecer” (Telles, Serpa e Reis, 2023, p. 124) continuará favorável aos GP do Sudeste, à dominação dos paulistas na Área 21 e à supremacia da subárea biodinâmica sobre as sociocultural e pedagógica.

A relação entre o mapeamento dos GP na região Sul e o Brasil é interessante para ver nossos grupos como uma unidade acadêmica e integrada a um coletivo mais amplo, submetido às mesmas tensões e disputas enfrentadas pelos PPG de EF no campo da produção científica. Ela colabora com nosso objetivo de apresentar o GPEEsC com um olho em seus interesses internos, de manter-se ativo e produtivo, e outro nos interesses externos, que são o fortalecimento e a valorização das áreas sociocultural e pedagógica no campo acadêmico. Desta forma, esse dossiê cumpre também esse papel.

Na lógica das políticas, estruturas e normatizações dos órgãos reguladores e fomentadores da pesquisa, os líderes e membros de GP são induzidos a recorrer à estratégias e ações para sobreviver ao “periodismo” instaurado no meio acadêmico (Frasson; Wittizorecki, 2012, p.1). Isto é, os líderes dos GP são obrigados operar de forma a garantir a própria sobrevivência e a do grupo, produzindo artigos para revistas qualificadas e mantendo sua liberdade ou autonomia intelectual.

Um caminho para superar essas desigualdades e os desafios das subáreas sociocultural e pedagógica, é seguir a política de associação e colaboração entre os GP. Duca *et al* (2011) sinalizam que esse detalhe contribuiu para o crescimento de GP e a criação dos PPG, nos fins de 1990 e início dos 2000. É um caminho que parece viável no Rio de Janeiro, em função do I Encontro dos Grupos de Pesquisa em EF escolar do Rio de Janeiro inserido no I Seminário de Escola, Esporte e Cultura e fazendo parte do Congresso de EF e Desportos do Instituto de EF da UERJ, realizado em novembro de 2024, e a proposta de publicação do presente dossiê pela Universidade Federal Fluminense.

HISTÓRICO DO GPEEsC: QUEM SOMOS E O QUÊ FAZEMOS

De acordo com o DGPB, o GPEEsC teve a certificação em 2013, a última atualização de seu cadastro foi em 26/03/2025 e originou-se oficialmente em 2012. Esses marcos são meramente formais, porque, organicamente, o GP já tinha criado raízes na extinta e saudosa UGF (Universidade Gama Filho) e no ISERJ (Instituto de Educação do Estado do Rio de Janeiro), onde o líder, Silvio de Cassio Costa Telles, e alguns dos membros, hoje, doutores, iniciavam os primeiros passos. No GREPEFEL (Grupo de Estudos e Pesquisas em EF Escolar, Esporte e Lazer), que acabou extinto por conta do descredenciamento e posterior fechamento da UGF, o GPEsC constituiu e consolidou suas bases e de seu líder como professor permanente dos PPG em nível de mestrado e doutorado da UERJ no PPG em Ciências do Exercício e do Esporte e na UFRJ no PPG em Educação Física.

O GPEEsC está registrado na Área predominante das Ciências da Saúde - Educação Física, pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro - UERJ. Propõe-se a congregar professores de educação básica, pesquisadores, docentes de graduação e pós-graduação. Está presente na mídia eletrônica, através do seu site, YouTube e Instagram,

onde é possível acessar maiores informações e diversos conteúdos produzidos pelo Grupo.

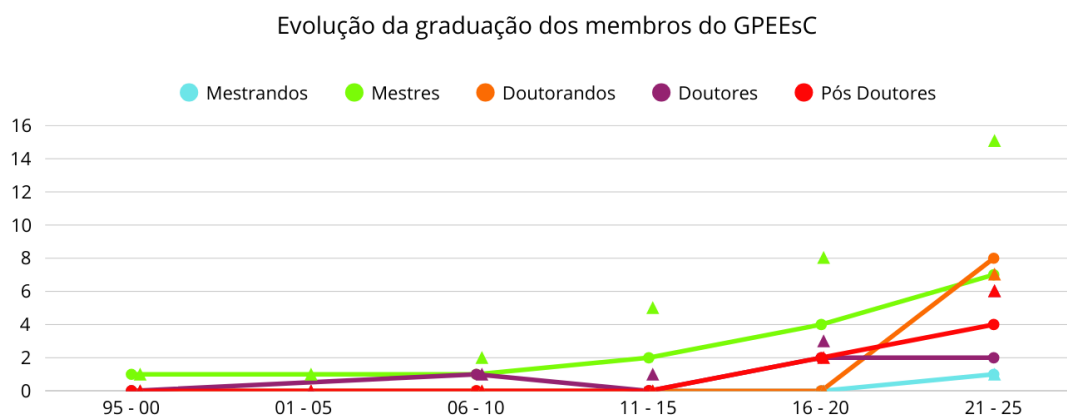
Seus estudos e pesquisas são sobre as práticas, as políticas e produções do conhecimento em EF escolar, esportes e lazer, buscando desenvolver e desvelar as relações desses com economia, cultura, educação, políticas sociais e formação profissional. Visa contribuir com a tomada de consciência do ato de educar pelo lazer e para o lazer, desenvolvendo a necessária percepção das pressões oriundas do sistema e suas implicações na formação do indivíduo. Busca relacionar manifestações do esporte dentro e fora da escola, suas influências na ação pedagógica docente no processo de ensino-aprendizagem e avaliativo e a importância da indústria do esporte nas manifestações da cultura corporal.

Esse resumo exemplifica parte do processo vivido pelos GP formados nos anos 2000 (Duca *et al*, 2011). Registramos a participação do líder Silvio Telles, no I Encontro de Grupos de Pesquisa em EF Escolar, realizado na UNESP - Rio Claro, em 25 de maio de 2005, como membro do GPPEF (Grupo de Pesquisas Pedagógicas em Educação Física), da UGF (LETPEF, 2005), para, hoje, estar líder de um GP e docente de dois importantes PPG do Rio de Janeiro.

Membros: quantitativo e titularidade

A figura 1 apresenta dois dados: um, o crescimento das titulações (mestrandos, mestres, doutorandos, doutores e pós-doutores); e outro a curva crescente no número de seus membros. Fazendo um recorte dos dois últimos quinquênios (2016-2020 e 2021-2025), percebemos um crescimento acentuado em todos os níveis de titulação e concomitante a isso, o aumento no número de membros do grupo.

Figura 1: Quantitativo de membros e titulações do GPEEsC



Fonte: Os autores, 2025.

Para melhor entendermos o gráfico acima, é importante saber que as circunferências representam o quantitativo das titulações concluídas dentro do quinquênio, enquanto que os triângulos indicam o número de integrantes ativos e suas respectivas titulações.

Destarte, analisando a crescente no quantitativo das titulações nos dois últimos quinquênios, percebe-se que o número de mestres sobe de quatro para sete; os doutorandos de zero para sete; os doutores de dois para seis; e os pós-doutores de dois para quatro.

Ao analisarmos o número de membros, identificamos que um dos principais fatores para o aumento está no fato de que, mesmo após concluírem seus estudos, os participantes continuam integrando o grupo. Hoje, o grupo totaliza 38 membros, sendo: 06 pós-doutores; 06 doutores; 07 doutorandos; 15 mestres; 01 mestrando e 03 docentes associados (docentes sem vínculo institucional que frequentam o grupo regularmente). Do total de membros, apenas sete não tiveram titulação a partir do grupo.

Outra análise importante do gráfico, é observar a evolução acentuada dos números a partir do período pandêmico (2020-2021). Esse fato também ocorreu em nível nacional, onde as matrículas no mestrado e doutorado cresceram. As matrículas no doutorado comparado a 2019, em 2020 cresceu 5,4% e, em 2021, de 11,6% (RIBEIRO, 2023). No entanto, no âmbito do GPEEsC, conforme apresentado no gráfico, esse incremento foi ainda mais acentuado em números percentuais, superando significativamente os índices nacionais. Esse fato pode ser explicado, porque, a partir de março de 2020 (último encontro presencial antes da pandemia), os encontros do grupo passaram a ser realizados pela plataforma do Zoom, o que certamente facilitou a participação de mais integrantes.

Área de Linhas de Pesquisa e suas produções

Para melhor entender as produções do GPEEsC, nos baseamos nas cinco linhas de pesquisa do grupo, identificadas nas subáreas sociocultural e pedagógica: Perspectiva Sociocultural; EF e Lazer; Corpo e Sociedade; História do Esporte e Teorias Pedagógicas e Didáticas.

A “Perspectiva Sociocultural” destina-se a discutir o campo na perspectiva epistemológica da EF, buscando saídas e estratégias para um emparelhamento entre as subáreas biodinâmica, sociocultural e pedagógica.

“EF e Lazer” contribui com a produção do conhecimento na construção da importância de tomada de consciência do ato de educar para o lazer, desenvolvendo a necessária percepção das pressões oriundas do sistema e suas implicações na formação do indivíduo.

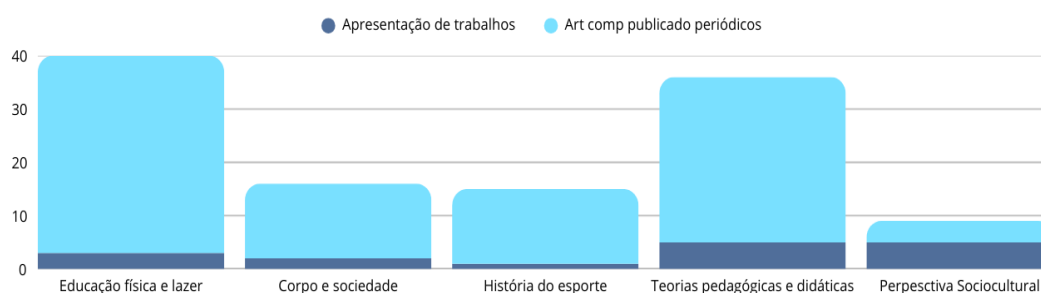
“Corpo e sociedade” investiga as relações entre o corpo simbólico e a sociedade, as transformações históricas e os processos sociais que interferiram e interferem nas representações sobre o corpo. Essas investigações recaem sobre as relações entre corpo e tecnociência, bioescase, gênero, sexualidade, saúde, consumo, esporte e lazer.

“História e esporte” analisa as relações entre o esporte e os acontecimentos sociais e culturais, na medida em que este fenômeno social moderno relaciona-se com outros campos de estudo. As investigações têm como base fontes escritas, fontes orais, imagens representativas, etc.

“Teorias pedagógicas e didáticas” são destinadas aos estudos que abordam as diversas nuances da pedagogia da EF nos diferentes níveis de ensino. Aprofunda a discussão acerca das teorias pedagógicas, aspectos didático-metodológicos, propostas curriculares de ensino e avaliação e cotidiano escolar.

A figura 2 identifica a diversidade de temas e as diferentes perspectivas das produções sobre a EF desenvolvidas no GPEEsC. À luz dessas linhas de pesquisa, analisamos a relação entre as categorias **apresentação de trabalhos em eventos científicos** e **artigos publicados em periódicos**. A linha **Educação e Lazer** possui maior número de artigos completos publicados, mas é a menor em apresentação de trabalhos (40 produções). **Teorias Pedagógicas e Didáticas** tem o segundo maior número de publicações de artigos completos publicados e apresentação de trabalhos (36 produções). **Corpo e Sociedade** e **História do esporte** possuem o mesmo número de artigos completos publicados e se assemelham em apresentação de trabalhos (17 produções). **Perspectiva sociocultural** trás o menor número de artigos publicados e apresentação de trabalhos, (09 produções).

Figura 2: Relação entre publicações e linhas de pesquisa do GPEEsC



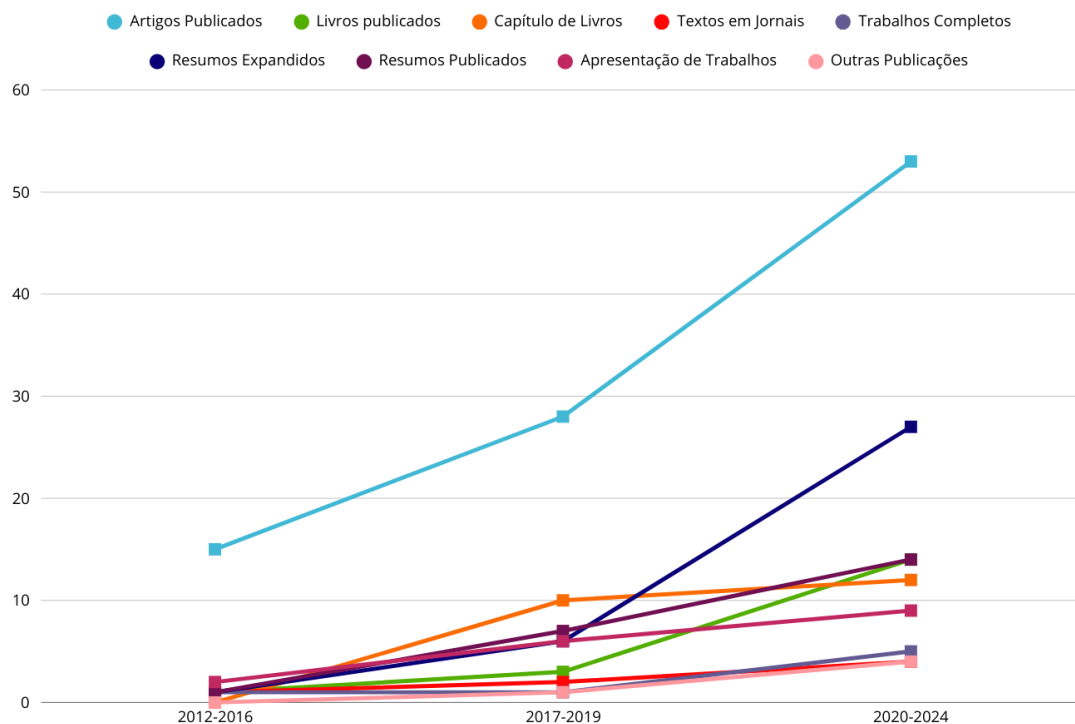
Fonte: Os autores, 2025.

Produção teórica

A figura 3 apresenta a progressão quantitativa de artigos publicados, trabalhos completos, resumos expandidos, resumos publicados e apresentação de trabalhos. As produções citadas ganham força no último quadriênio (2020-2024), mas em 2025, o destaque é o crescente número de artigos publicados em periódicos. Esse fato é evidenciado por Frasson *et al* (2021, p. 06):

Sobre a produção acadêmico-científica dos líderes, o artigo é o produto de maior destaque entre as publicações identificadas. Entendemos esse movimento como reflexo da organização e estruturação do campo científico, que historicamente agrega maior valor a esse tipo de publicação.

Figura 3: Quantitativo de Produção teórica do GPEEsC



Fonte: Os autores, 2025.

As rodas de conversas

As Rodas de Conversa Acadêmica são um método importante para o GPEEsC na divulgação do conhecimento. Elas criam possibilidades de diálogo, reflexões e ressignificações dos saberes como espaço de troca de experiências e construção coletiva. Desde 2019, o GPEEsC convida pesquisadores de diferentes universidades brasileiras e algumas internacionais.

Elas problematizam temáticas emergentes ou clássicas, ampliando a visão sobre as diferentes pesquisas e o movimento em prol de uma EF afeta as subáreas sociocultural e pedagógica. No quadro 1, temos os nomes dos palestrantes das Rodas de Conversa por ano da ocorrência e as respectivas instituições.

Quadro 1: Relação dos anos e convidados da Roda de Conversa.

2019 (3)	2020 (6)	2021 (6)	2021 (5)
Dr ^a Ingrid Fonseca - IFRJ Dr. Dirceu Gama - UERJ Dr. André Malina - UFRJ	Dr. Sebastião Votre - UERJ Dr. Silvio Telles - UERJ / UFRJ Dr. Marcos Garcia Neira - USP Dr ^a Rita de Cássia - UFRJ Dr. Fabiano Lange - CP2 Dr. Alan Camargo - UFRJ	Dr ^a Paula Silva - FADEUP - PORTUGUAL Dr. Lamartine Dacosta e Bianca Gama - UERJ Dr. Ricardo Brandão - UERJ Dr. Paulo Farinatti - UERJ Dr ^a Ludmila Mourão - UFJF Dr. Valter Bracht - UFES	Dr. Diego Luz - UNIVASF Dr. Victor José Machado de Oliveira - UFES Dr. Alcides Scaglia - UNICAMP Dr. Victor Melo - UFRJ Dr ^a Kátia Rúbio - USP
2022 (6)	2023 (3)	2024 (4)	2025 (3)
Dr. Marcelo Paula de Melo - UFRJ Dr. Carlos Alberto Figueiredo da Silva - UNIVERSO Dr ^a Elaine Prodócimo - UNICAMP Dr. Hugo Lovisolo - UERJ Dr. Antonio Jorge Gonçalves Soares - UFRJ Dr ^a Rita Frangella - UERJ	Dr. Wagner dos Santos - UFES Dr. Luiiz Fernando Rojo - UFF Dr. Marcelo Antunes - UFF	Dr. Eduardo Galak - UNLP - ARGENTINA Dr. David Le Breton - USTRASBOURG - FRANÇA Dr. Rafael Garcia - UFRJ M ^a Patrícia Arruda e M ^a Anna Carolina Souza - UERJ e CP2	M ^a Juliana Peres e M ^a Luiza Moreira - CAP-UFRJ Dr ^a . Daniele Medeiros - UDELAR - URUGUAI Dr. Fabiano Bossle - UFRGS

Fonte: Os Autores, 2025

Participaram das Rodas de Conversa, 38 (em 36 rodas) pesquisadores com notório saber das seguintes instituições: UFRJ e UERJ (09 de cada instituição); UFES (03); CP2, USP, UNICAMP e UFF (02 de cada); UNIVASF, IFRJ, UFJF, UFRGS, UNIVERSO (01 de cada). Destacamos as rodas internacionais, sendo duas da América do Sul, UNLP (Argentina) e UDELAR (Uruguai); e duas da Europa, FADEUP (Portugal) e Universidade de Estrasburgo (França). Sendo um projeto de extensão do GPEEsC, a Roda de Conversa contribui para Graduação e Programas de Pós-graduação, tendo em vista que os participantes das rodas de conversa são discentes desses segmentos, abrangendo participantes em âmbito nacional e internacional.

A partir de 2023, desde que o líder do grupo assumiu o cargo de Coordenador do Fórum de Pesquisadores/as das subáreas Sociocultural e Pedagógica e Fórum da Pós-Graduação do Colégio Brasileiro de Ciências do Esporte (CBCE) as rodas têm sido divulgadas nacionalmente, ampliando as possibilidades de acesso. Estimamos que, desde sua criação, mais de 2.000 pessoas tenham participado das rodas de conversa, realizadas majoritariamente de forma remota ou por meio do canal do YouTube *Formação GPEEsC*, que disponibiliza os encontros gravados.

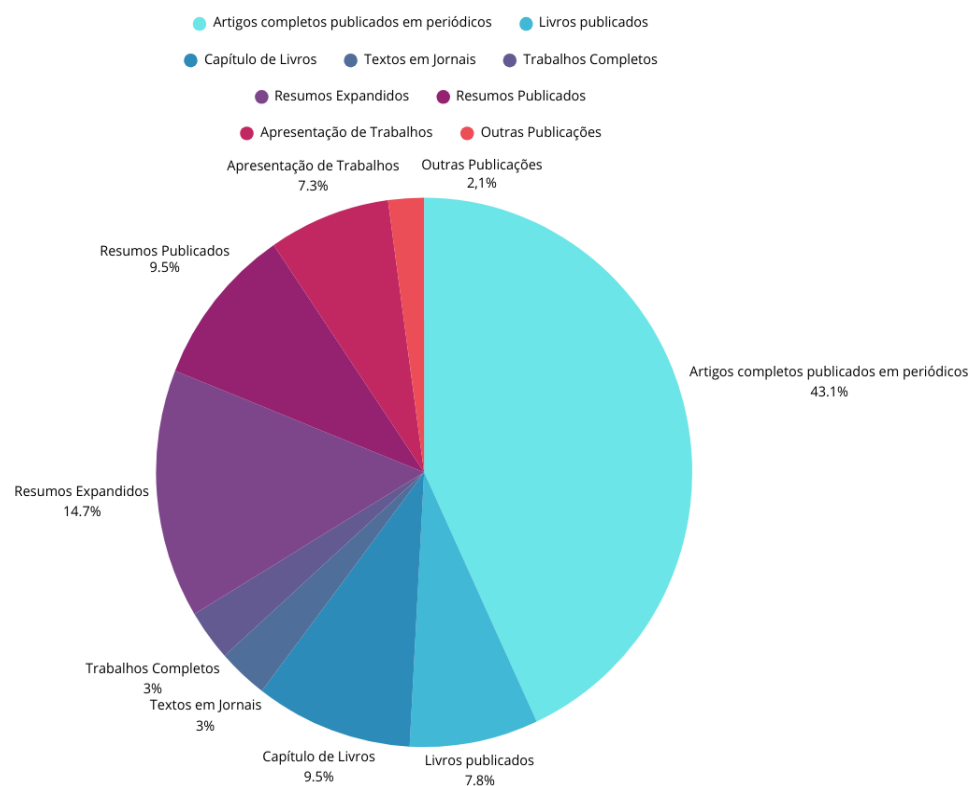
Livros publicados, capítulos de livro e livros organizados

Em relação aos livros publicados, organizados e capítulos, o GPEEsC corrobora com Frasson *et al* (2021). Das 707 produções dos GP da região Sul, entre 2015 e 2019, a maior parte é de artigos publicados em periódicos (74%), capítulos de livros (22,9%) e produção e organização de livros (2,7%).

Na Figura 4, podemos verificar essa relação dos estudos de Frasson *et al* (2021) com as publicações do GPEEsC, onde, destacamos as maiores produções do grupo estão

em artigos publicados em periódicos (43,1%), seguida das produções de capítulos de livros e livros (17,3%) e as demais produções - textos em jornais, resumos e apresentação de trabalhos - com (39,6%) .

Figura 4: Percentual de livros e capítulos de livros na produção do GPEEsC



Fonte: Os Autores, 2025

Editais e bolsas contempladas

Quanto à conquista de editais, o GPEEsC segue a lógica já sinalizada por Frasson *et al* (2021), onde os projetos de pesquisa são financiados por fundações de amparos à pesquisa e por financiamento interno da universidade. As informações estão no quadro 2.

Quadro 2: Editais conquistados pelo GPEEsC

ANO	Tipo de Fomento
2021	. Edital FAPERJ E_45/2021 - Melhoria das escolas da rede pública da rede pública sediadas no RJ. . Edital FAPERJ E_49/2021 - Programa de Apoio à Editoração.
2022	. Bolsa Produtividade da UNESA para o ano de 2022. . Bolsa Produtividade UERJ no Biênio 2022-24. Edital Iniciação Científica FAPERJ - 2022
2023	Edital FAPERJ N 13/2023 (APQ1) Auxílio Básico à Pesquisa - A Educação Física na BNCC representações sociais e práticas educativas na Educação Básica Edital Iniciação Científica FAPERJ - 2023 Edital Jovem Cientista do Nosso Estado FAPERJ - 2023 Edital Apoio a organização de eventos científicos FAPERJ - 2023
2024	. Edital FAPERJ - Programa Jovem Cientista do Nosso Estado. . Edital FAPERJ - Cientista do Nosso Estado - 2024-2027.

Fonte: Os Autores, 2025

CONSIDERAÇÕES FINAIS: PERSPECTIVAS E DESAFIOS

Os homens fazem a sua própria história, mas não a fazem segundo a sua livre vontade; não a fazem sob circunstâncias de sua escolha e sim sob aquelas com que se defrontam diretamente, legadas e transmitidas pelo passado.

Karl Marx

Primeiramente, ressaltamos o nosso objetivo de apresentar o GPEEsC como um GP ciente e consciente de suas limitações e ambições frente às tensões e disputas em curso no campo acadêmico da EF. Evidenciamos que tais disputas e tensões enfrentadas pelos GP estão quase que totalmente ligadas à sobrevivência dos programas *stricto sensu*, à disputa por espaço nos periódicos e a obtenção de financiamentos de projetos, bolsas para pesquisadores e estudantes e outras formas de fomento. Os GP parecem ter sido o caminho para a criação e a sustentação dos PPG em EF.

Consideramos uma limitação do estudo usarmos como principal referência um único estudo, realizado no Sul. Também, é um fator limitante, apresentarmos apenas os dados referentes ao GPEEsC, mas isso foi uma opção pensada e repensada. Não conseguimos encontrar outros trabalhos como o de Frasson *et al* (2021) que permitissem estabelecer as comparações julgadas necessárias. A opção de apresentarmos, exclusivamente, o GPEEsC como resistência à hegemonia da subárea biodinâmica foi em função de nossa expectativa em relação à chamada e convocação da

Revista Fluminense de Educação Física. Acreditamos que os GP do Rio de Janeiro poderiam falar com maior fidedignidade e objetividade deles mesmos do que poderíamos fazer descrevendo-os pelo DGPB-CNPq.

Apesar das limitações do nosso trabalho, entendemos ter conseguido estabelecer um conjunto de informações que nos permite situar e olhar para a história do GPEEsC, não apenas pelos méritos do seu coordenador e de seus membros, mas como fruto do processo vivenciado pelos professores pioneiros que viajaram para o estrangeiro e retornaram para fornecer os alicerces que, hoje, nos permite replantar as sementes dos frutos das árvores plantadas por eles. O contexto é outro: as perspectivas progressistas para o desenvolvimento da ciência e educação dos anos de 1980-1990 cederam espaço para os negacionistas e às ameaças do integralismo brasileiro e do fascismo estrangeiro.

Portanto, ao retomarmos a epígrafe do “velho” Marx, estamos afirmando que as tensões e as disputas no campo acadêmico atual da EF são apenas parte dos desafios que nosso GP e os demais têm a enfrentar. Estes não são piores nem melhores do que os enfrentados por nossos mestres e doutores a partir da década de 1970. Apesar das tensões e disputas legadas por esses pioneiros, é com essa mesma herança que seguiremos adiante, se não quisermos perecer. Em algumas Rodas de Conversa do GPPEsC, os rodistas apontaram que a direção e o caminho para o progresso e expansão de um GP é associação, colaboração e cooperação com outros grupos, pesquisadores e instituições. Em nossas expectativas, apostamos que o I Encontro dos Grupos de Pesquisa em EF Escolar do Rio de Janeiro, em 2024 e a produção deste Dossiê possam ser as bases para a formação de uma associação fluminense de GP mais forte e consolidada para enfrentar as desigualdades regionais, financeiras e acadêmicas que apontamos neste estudo.

REFERÊNCIAS

DUCA, G.F. D.; GARCIA, L. M. T.; SILVA, K. S.; NASCIMENTO, J. V. do. Grupos de pesquisa em cursos de EF com pós-graduação "stricto sensu" no Brasil: análise temporal de 2000 a 2008. **Revista Brasileira de Educação Física e Esporte**, v. 25, n. 4, p. 607-17. Out/Dez. 2011.

BARATA, R. C. B. **Dez coisas que você deveria saber sobre o Qualis**. RBPG, Brasília, v. 13, n. 30, p. 013 - 040, jan./abr. 2016.

BOURDIEU, P. **Os usos sociais da ciência: por uma sociologia clínica do campo científico**. Trad. Denice Barbara Catani. São Paulo: UNESP, 2014

CASTRO, P. H.; SILVA, A. C.; SILVA, L. A.; LUDORF, S. M. A produção científica em EF de 2001 a 2010: caminhos da construção de um campo. **Revista Movimento**, Porto Alegre, v. 23, n. 3., p. 869-882, jul./set. de 2017.

CENÁRIOS de um descompasso da pós-graduação em EF e demandas encaminhas à CAPES. In: FÓRUM DOS PESQUISADORES DAS SUBÁREAS SOCIOCULTURAL E PEDAGÓGICA, 2015. Disponível em cbce.org.br.

FRASSON, J.; WITTIZORECKI, E. S. Grupos de pesquisa em Educação Física escolar e o periodismo científico: o modus operandi e os interesses dos líderes. **Pensar a Prática**, Goiânia, v. 24, 2021.

FRASSON, J. S. ; MADELA, A.; TAVARES, N. da S.; WITTIZORECKI, E. Mapeando os grupos de pesquisa em EF escolar na região sul do Brasil. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, 43, 2021. Acesso em: 04 abr. 2025. DOI: <https://doi.org/10.1590/rbce.43.e010721>

HALLAL, P. C.; MELO, V. A. M. Crescendo e enfraquecendo: um olhar sobre os rumos da EF no Brasil. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**. V. 39 (3), p. 322-327, 2017.

LETPEF - Laboratório de Estudos e Trabalhos Pedagógicos em EF *et al.* EF Escolar: I Encontro de grupos de pesquisa no IV Congresso Internacional de EF e Motricidade Humana e X Simpósio Paulista de Educação Física. **Motriz**, Rio Claro, v.11 n.1 p.71-72, jan./abr. 2005.

LÜDORF, S. M. A. Panorama da EF na década de 90: análise dos resumos das dissertações e teses. **Rev da EF/UEM**. Maringá. V 13, n2, 2º sem. 19-25, 2002.

MANOEL, E. J; CARVALHO, Y. M. Pós-graduação em Educação Física: a atração (fatal) para a biodinâmica. **Educação e Pesquisa**. São Paulo. V. 37, n.2. Ago. 389-406, 2011.

MELLO, G. T.; OLIVEIRA, B. N.; DA SILVA, J.A. Análise temporal dos grupos de pesquisa da EF no Brasil e sua vinculação com as linhas de pesquisa escola, esporte e saúde. **Revista Pensar a Prática**. 2022, v.25: e70362.

MOURA, D. **Pressão para publicar: reflexões necessárias**. In.: TELLES, S.; LÜDORF, S.; GIUSEPPE, E. Pesquisa na Educação Física: perspectivas sociocultural e pedagógica em foco. Rio de Janeiro: Autografia, 2017. p. 42-48.

NOVAES, R. C. F.; TRIANI, DA S.; TELLES, S. DE C. C. O GERME e a estetização da existência na Educação Física escolar. DOSSIÊ: Internacionalização das políticas educacionais no marco dos direitos humanos. **Educar em Revista**, Curitiba, v. 40, e94741, 2024.

RIBEIRO, D. B. (2023). A pandemia da COVID-19 e a pós-graduação stricto sensu no Brasil. *Argumentum*, 15(2), 72–91. <https://doi.org/10.47456/argumentum.v15i2.40012>

TELLES, S., SERPA, C., & LUTZ, T. **O mestrado profissional em EF em rede nacional (PROEF): um panorama acerca das produções**. *Revista Didática Sistemica*, 26(2), 2025. p 264–279.

TELLES, S.; BAPTISTA, T. J. R.; COSTA, M, C S.; SANTOS, S. M. **Avaliação e panorama das subáreas sociocultural e pedagógica da Educação Física: periódicos, mestrado profissional e produção docente (2017- 2020)**. Uberlândia: Navegando Publicações, 2023.

TELLES, S.; LÜDORF, S.; PEREIRA, E. **Pesquisa em EF: perspectivas sociocultural e pedagógica em foco**. Rio de Janeiro: Autografia, 2017.

